

A gesta de Kopenawa

Hanna Limulja,¹ Boa Vista

Resumo: Este texto é uma versão modificada do primeiro capítulo do livro *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*, fruto da tese de doutorado da autora em antropologia social. O objetivo foi realizar uma releitura de *A queda do céu*, autobiografia do xamã e liderança Davi Kopenawa Yanomami, à luz dos seus próprios sonhos, que vão desde a sua infância na floresta até a sua vida adulta, quando Kopenawa viaja para fora do Brasil, em busca de apoio para a demarcação da Terra Indígena Yanomami, assolada pelo garimpo ilegal. No final, a autora aponta a dimensão política do sonho entre os Yanomami e a urgência de considerar outros modos de sonhar o mundo para pensar a nossa própria noção do que é humano, e a partir daí articular uma ação posicionada frente a uma realidade deflagrada.

Palavras-chave: Yanomami, sonhos, política, humano, crise

*Acho que vocês deveriam sonhar a terra,
pois ela tem coração e respira.*

DAVI KOPENAWA

Quando ainda era criança e morava na casa de Marakana, no rio Toototopi, Davi Kopenawa sonhava com seres que não conhecia. Eles se aproximavam devagar, envoltos numa luminosidade ofuscante, todos belamente pintados de urucum e enfeitados com penas de pássaros. Kopenawa contemplava aquele espetáculo em seu sonho ao mesmo tempo que o temia – nunca havia visto aqueles seres. À noite, aterrorizado, chorava, gritava e chamava por sua mãe, que o acalmava: “Não chore. Você não vai mais sonhar, não tenha medo. Agora durma sem chorar. Acalme-se” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 89). Mas esses sonhos continuaram por toda a sua infância, até a juventude.

Em seus sonhos, Kopenawa sobrevoava a floresta; seus braços se transformavam em asas, grandes como as de uma arara-vermelha. Do alto, ele contemplava a paisagem. Mas, quando menos esperava, despencava no vazio e acordava em pânico, chorando. Nesses voos oníricos, eram os espíritos *xapiri pë* que carregavam a sua imagem para bem alto no céu. É assim que esses espíritos fazem quando querem que uma criança se torne xamã. É por isso que as crianças gritam à noite, pois veem os *xapiri pë* em seus sonhos.

1 Antropóloga. Indigenista. Professora da licenciatura intercultural do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena da Universidade Federal de Roraima.

Antigamente esses seres não existiam; foram criados por Omama, o demiurgo, a pedido de sua esposa, Thuëyoma. Após terem procriado, a mulher perguntou ao marido: “O que faremos para curar nossos filhos se ficarem doentes?”. Omama se pôs a pensar, mas não sabia o que fazer. Foi então que Thuëyoma disse: “Pare de ficar aí pensando, sem saber o que fazer. Crie os *xapiri pë*, para curarem nossos filhos!” (p. 84). Omama concordou e deu origem a esses espíritos.

Kopenawa sentia que os *xapiri pë* amarravam as cordas da rede dele bem alto no céu e desciam por elas para se aproximar e fazê-lo ouvir seus cantos. Também sonhava com animais que o perseguiam pela floresta, dos quais ele fugia correndo. E de repente seus braços se transformavam em asas, e ele levantava voo. Sonhava ainda com os inimigos próximos da casa. Pintados de preto, eles iam flechando os Yanomami. Ao ver a cena, Kopenawa se punha em disparada e era açoitado por eles na floresta, até que conseguia subir no alto de um morro e saltava, alçando voo.

Todas essas imagens que via dormindo eram os *xapiri pë*, que o observavam e se interessavam por ele. Naquela época Kopenawa não entendia e sentia muito medo. Só bem mais tarde, quando se tornou xamã e provou o pó da *yākoana*,² é que pôde compreender: os *xapiri pë* desejavam que ele se tornasse xamã – era por essa razão que apareciam em seus sonhos.

Assim ele foi crescendo. Durante a juventude, passava muito tempo na floresta, caçando. Seus sonhos continuaram, e os *xapiri pë* sempre vinham visitá-lo. Esses espíritos não costumam aparecer para os jovens caçadores que, em vez de se abster de comer a própria caça e oferecê-la às outras pessoas da maloca,³ alimentam-se dela; eles tampouco se aproximam daqueles que começam a ter relações sexuais muito cedo. Os que fazem isso não sonham e tampouco se tornam bons caçadores. Por outro lado, os rapazes que andam sempre pela floresta começam a sonhar com os *xapiri pë*, e estes se apaixonam por eles.

Foi sonhando que Kopenawa se tornou um bom caçador, pois antes de encontrar sua caça já havia visto a imagem desses animais em sonho. Depois que passou a trabalhar para os brancos na floresta, que o fizeram comer de sua própria caça, ele perdeu sua habilidade de caçador.

2 A *yākoana* é um pó alucinógeno que resulta de um processo meticuloso de extração, secagem e pulverização da resina da casca de uma árvore (*Virola elongata*). Pode ainda ser misturada a folhas secas e cinzas do fogo extinto para potencializar seu efeito. Possui um alcaloide alucinógeno, a dimetiltriptamina (DMT), que desencadeia efeitos psíquicos semelhantes aos do LSD. Ela é inalada pelos xamãs, por meio de uma *horoma*, um tubo de aproximadamente 60 centímetros, feito de bambu.

3 Um caçador que come a própria caça corre o risco de se tornar um mau caçador (*sirā*). Dentro da lógica da reciprocidade que permeia as relações yanomami, assim como as do mundo ameríndio de maneira geral, aquele que come da própria caça não estabelece relações de troca. Ser *xiimi* (sovína) é uma das piores ofensas que se pode fazer a um Yanomami.

Foi só depois de experimentar a *yākoana* que passou a sonhar de verdade. Sob efeito do pó durante o dia, Kopenawa diz que morre e que seu espectro é carregado pelos seus *xapiri pë*, que o levam em todas as direções para conhecer coisas desconhecidas. Tudo que existe na floresta tem uma imagem *utupë*, e são essas imagens que os xamãs fazem descer.

Quando os *xapiri pë* carregam Kopenawa, seu corpo permanece deitado na rede; apenas seu *utupë* é que segue viagem. Ele diz que a *yākoana* ingerida durante o dia e o sonho à noite são a forma como os xamãs aprendem. *Yākoana* e sonho estão intimamente relacionados. O xamanismo que praticam durante o dia se faz sentir nos sonhos que avançam noite adentro. Os *xapiri pë* continuam cantando durante a noite. Eles se aproximam de seu pai e dizem: “Não adormeça! Responda, não seja preguiçoso! Senão, vamos abandoná-lo!” (p. 137). É graças à *yākoana* que os xamãs podem conhecer a imagem de todos os seres. De outra forma, só seriam capazes de sonhar consigo mesmos.

Kopenawa descreve seus voos pelas costas do céu, *hutu mosi*, lugar onde vivem os mortos. Também descreve o mundo subterrâneo dos *aōpatari*. Consegue vislumbrar o Nê Roperi, o espírito da fertilidade. Parecido com um humano, apenas os xamãs conseguem vê-lo. Quando ele chega dançando, belamente enfeitado, traz às costas os alimentos da floresta. Kopenawa vê sua imagem após ter bebido *yākoana* durante o dia e continua a vê-lo durante o tempo do sonho.

Quando é dia, os *xapiri pë* dormem. Para eles a tarde corresponde ao alvorecer – e é quando eles despertam. Enquanto os Yanomami dormem à noite, os espíritos brincam e dançam na floresta; para eles é dia. Eles são muitos e imortais, e, se não fosse pela *yākoana*, da qual se alimentam, jamais poderiam ser vistos por seus pais xamãs. E são magníficos: o urucum com o qual se pintam está sempre fresco, as linhas desenhadas sobre seus corpos são de um preto brilhante, e são extremamente perfumados.

Quando aparecem para suas danças de apresentação, os *xapiri pë* lembram jovens convidados para uma festa *reahu*, mas são muito mais belos, e então se instalam na casa do iniciado. A primeira morada deles é o peito do xamã – só depois é que vão morar nas costas do céu. Enquanto adentram a casa, seus passos fortes tocam o chão, criando um ritmo poderoso. Em meio à luz cintilante, o perfume do urucum que exala de seus corpos preenche todo o espaço. “Na verdade, são as imagens deles, e as de seus espelhos, que moram no peito dos xamãs” (p. 165), esclarece Kopenawa.

Apenas os xamãs conseguem ver essas imagens; as pessoas comuns, não. Como estas não veem os espíritos em sonho, seu pensamento não se afasta muito, e elas apenas se ocupam de suas caçadas, do trabalho na roça, das festas *reahu*. Não conhecem as palavras da floresta, pois estão muito próximas dela.

Os *xapiri pë*, além de curar os doentes, também tentam convencer os mortos a deixar os Yanomami em paz. Assim, quando os humanos morrem, seus espectros, saudosos dos parentes que ficaram na terra, sempre querem carregar os vivos com eles para viver nas costas do céu: “Os meus são tão poucos, têm tanta fome, nessa floresta infestada de epidemia *xawara* e de seres maléficos! Sinto muita pena deles! Tenho de ir depressa buscá-los!” (p. 191). É por isso que os Yanomami sonham com os parentes mortos. Kopenawa alerta para o perigo dessa aproximação: se os mortos não pararem de chamar os vivos, estes serão afetados pela saudade e podem acabar morrendo.

É nesse momento que os xamãs pedem a seus *xapiri pë* que enviem os espectros dos mortos de volta para as costas do céu. E então eles intercedem: “*Ma!* Parem de descer! Fiquem longe de nós! Deixem-nos viver por um tempo aqui nesta floresta! Mais tarde vamos nos juntar a vocês! Não tenham tanta pressa em nos chamar para perto!”. E os mortos respondem: “*Ma!* Vocês deveriam era ter pressa de voltar a nós!”. Mas os *xapiri pë* insistem: “*Ma!* Não estamos sofrendo! Voltaremos a vocês, é claro! Mas sem pressa! Retornem para o lugar de onde vieram!” (p. 191).

É dessa forma que os *xapiri pë* fazem a mediação com os espectros, com o propósito de convencê-los a não mais importunar os Yanomami em seus sonhos. Esse diálogo que Kopenawa descreve, ele o ouviu após ter tomado *yãkoana* e durante seus sonhos. Se não fosse pela intervenção dos *xapiri pë*, os humanos morreriam o tempo todo, levados pela saudade que os mortos sentem deles. Ao contrário dos humanos, os espectros vivem muito tempo; sua floresta, que fica nas costas do céu, é cheia de árvores carregadas de frutos, e a caça é abundante.

O trabalho dos xamãs, seja para curar um doente, seja para trazer a fertilidade para a floresta, não leva em conta o dinheiro. Eles trabalham apenas para que o céu fique no lugar, para que haja caça, para que os Yanomami possam cuidar de suas roças e ter uma vida saudável. Omama não ensinou palavras sobre o dinheiro. Os brancos, porém, pensam de outra forma: “Eles não sabem sonhar com os espíritos como nós” (p. 216), diz Kopenawa.

Os *xapiri pë* dos xamãs viajam por lugares muito distantes, até o fim da terra e do céu, e por isso os antigos conheciam o “grande lago” (o mar) que os brancos atravessaram, mesmo antes que eles pudessem alcançar a terra dos Yanomami. Os brancos, quando chegaram, disseram que a terra estava vazia. Muito antes de sua chegada, porém, os ancestrais e todos os povos da floresta já viviam aqui – assim conta Kopenawa.

Então, um dia o povo de Teosi⁴ chegou à floresta e resolveu levar as palavras de Sesusi para os Yanomami. Os missionários fizeram os xamãs parar de tomar *yãkoana*, e com isso eles deixaram de cantar e de fazer descer seus *xapiri pë*.

Kopenawa lembra que os Yanomami tentavam falar com Teosi, mas nunca conseguiam vê-lo. Então veio a epidemia *xawara*;⁵ e os xamãs trabalhavam o tempo todo, tentando segurar o peito do céu, que estava prestes a desabar sobre a terra. Kopenawa ficou muito doente e se recorda de ver em sonho o céu que quase caía.

Por intermédio dos brancos, a epidemia chegou até a floresta e matou muita gente. Kopenawa perdeu seu tio materno e depois sua mãe. Velhos, crianças, mulheres e homens morreram, todos devorados pela epidemia *xawara*. Ao contrário do que os missionários diziam, quando os Yanomami morrem, eles não vão viver junto de Teosi; eles vão morar nas costas do céu, onde a floresta é abundante e as festas *reahu* nunca acabam. É por essa razão que Kopenawa diz que sua tristeza diminuía quando pensava nos parentes que perdeu para a epidemia, pois sabia que eles deviam estar felizes, vivendo na floresta dos mortos, com todos os parentes falecidos.

Da mesma forma, Kopenawa diz que, quando morrer, seu espectro vai estar feliz nas costas do céu, ao lado dos antigos xamãs mortos. “Os Yanomami são mais numerosos nas costas do céu do que aqui embaixo, na terra!” (p. 275), ele lembra. Ainda hoje, quando os xamãs tomam *yãkoana*, eles não conseguem fazer dançar a imagem de Teosi; e Kopenawa diz que, embora tenha tentado se aproximar de Teosi, não conseguia falar com ele, “nem mesmo conseguia vê-lo em meus sonhos” (p. 280).

Após tantas mortes, Kopenawa decide deixar a floresta e ir trabalhar com os brancos, conhecer outras gentes, outros lugares. Começa a trabalhar para a Funai, realizando no início diversos serviços, que iam desde ajudar na cozinha do posto, cortar lenha e buscar água no rio até mais tarde realizar expedições em outras regiões da Terra Indígena. Depois vai para Manaus. Conhece outros lugares distantes de onde vivia e aos poucos vai percebendo a ofensiva dos brancos sobre a terra yanomami. Mas àquela época ele ainda era muito jovem e não entendia bem as coisas, não sabia como defender a floresta. Foi só depois, quando a estrada Perimetral Norte já havia rasgado a floresta, que ele pensou direito e começou a sonhar cada vez mais com a floresta. Foi assim que as palavras de Omama cresceram e ficaram fortes dentro dele.

4 Teosi é corruptela de Deus. Aqui Kopenawa se refere sobretudo às experiências que teve com os missionários evangélicos americanos das Novas Tribos que chegaram à região do Toototopi na década de 1960.

5 *Xawara* é uma denominação genérica para as doenças infectocontagiosas. Assim, a tuberculose, o sarampo, a malária e recentemente a covid-19 seriam exemplos de *xawara*.

Era durante o tempo do sonho ou sob o efeito da *yākoana* que Kopenawa via os brancos destruindo a floresta. Ele ficava angustiado e não sabia o que fazer. Depois de viajar com os brancos e ver a destruição causada pelos garimpeiros, Kopenawa passou a não dormir direito. Ficava pensando em todos os Yanomami que haviam morrido de malária, na floresta doente. Quando conseguia dormir, sonhava que os garimpeiros queriam atacá-lo, pois sabiam que ele queria retirá-los da terra yanomami. Mas, graças a seus *xapiri pë*, ele conseguia se livrar desses garimpeiros que o perseguiram em seus sonhos.

Kopenawa lembra que nessa época os brancos haviam acabado de matar Chico Mendes, que defendia a floresta contra os fazendeiros. Por isso, ele ficava sempre alerta. Mas também pensava que, se morresse, seu tormento acabaria, pois passaria a viver com os espectros nas costas do céu.

Quando viu os brancos destruírem a floresta em busca de ouro, Kopenawa tentou entender o que eram essas coisas que ficavam embaixo da terra e que os brancos tanto desejavam. Até que os *xapiri pë* lhe mostraram sua origem no tempo do sonho. Foi assim que ele descobriu que aquilo que os brancos chamam “minério” são pedaços do céu, da lua, do sol e das estrelas que caíram no primeiro tempo. Foi durante o sonho que Kopenawa conseguiu ver os brancos trabalhando com esses minérios. Foi também durante um sonho que ele viu pela primeira vez o pai do ouro e dos outros minérios: Kopenawa estava doente de malária, e sua imagem foi levada pelo espírito da terra, Maxitari, até o mundo subterrâneo.

Com o intuito de falar para os brancos sobre as ameaças que seu povo e a floresta estavam sofrendo, Kopenawa começa a viajar para várias cidades, inclusive fora do Brasil. Nesses lugares distantes e sob o efeito de alimentos desconhecidos, ele sonhava com seus espíritos *xapiri pë*, que ficavam aflitos com esses deslocamentos e lhe diziam em sonhos: “Onde é que foi parar nosso pai? Vai acabar se perdendo! Que volte para nós depressa! Esses forasteiros de longe vão maltratá-lo! Ele vai ficar doente!” (p. 398).

Quando Kopenawa viaja para essa terra distante dos brancos, que chamam Europa, ele se dá conta de que já havia estado lá algumas vezes em sonho; contemplara a imagem dessas cidades. Quando despertava sem compreender o que via, perguntava para os xamãs de sua casa: “O que são essas coisas estranhas que me apareceram no sono? O que vai acontecer comigo?”. Ao que eles respondiam: “*Ma!* Não fique aflito! Em breve, brancos vindos de terras distantes irão chamá-lo para perto deles. Devem estar falando de você, por isso você viu suas casas!” (p. 422).

Mas Kopenawa diz que nunca conseguiu dormir direito em todas essas cidades. Em Paris, ele se lembra do barulho e da agitação da cidade. Durante o dia, tinha de encontrar um monte de gente desconhecida e falar o tempo todo, mas pensava consigo mesmo: “*É uma terra distante e são gente diferente, não*

se deve reclamar!” (p. 423). À noite, não conseguia dormir. Certa vez, quando ainda estava em Paris, ele conseguiu enfim dormir. Subitamente, sentiu-se tragado por um vazio. Embaixo de seus pés, a terra ia desmoronando, e a casa em que estava se desfazia. Foi quando ele começou a cair sem parar. Até que os *xapiri pë* que o acompanhavam seguraram a sua imagem e lançaram em cima dele um paraquedas de luz. Em seguida, Omama conseguiu agarrá-lo antes que ele se perdesse no mundo subterrâneo. Kopenawa acordou no meio da noite e não sabia onde estava. Desesperado, quase gritou de pavor, mas conseguiu se acalmar e aos poucos despertou. Após perceber as coisas a seu redor, pensou: “Oae! Ya temi xoa!” – “Oae! Ainda estou vivo!” (p. 424).

Nas noites seguintes, Kopenawa continuou a sonhar: percorria as montanhas altas onde se escondem os espíritos ancestrais dos brancos. Eram essas imagens que o encorajavam a falar para os brancos com firmeza. Mas, por causa do barulho de suas cidades, os brancos não sabem mais sonhar com esses espíritos.

Em Nova York, Kopenawa se lembra de como os brancos viviam empilhados uns em cima dos outros, morando em um amontoado de montanhas de pedra. As pessoas andavam depressa, em todas as direções. Eram tantas que pareciam formigas. Quando ele dormia, da mesma forma que nas outras cidades por onde passara, sonhava com os espíritos dos antigos brancos. Em Nova York, o que mais o assustou não foi a altura dos prédios, mas as coisas que apareciam em seus sonhos. Uma noite viu o céu pegando fogo por causa do calor da fumaça das fábricas: “Os trovões, os seres dos raios e os fantasmas dos antigos mortos estavam cercados de chamas imensas. Depois o céu começou a desmoronar sobre a terra com grande estrondo. Isso sim era mesmo assustador!” (p. 432). No sonho, esses seres tentavam curar o céu doente, tentando girar a chave da chuva. Kopenawa lembra que não contou seu sonho para ninguém, pois estava longe de casa e dos seus.

Dessas viagens por lugares tão distantes, Kopenawa concluiu que a cidade não é um lugar bom para viver. Ele se queixa de nunca ter conseguido dormir bem e não conseguir sonhar direito, pois seu espírito não consegue se acalmar na cidade. Os brancos estão sempre com pressa, correndo de um lado para o outro, como formigas *xirina*. Falam só de trabalho e do dinheiro que não têm. Por isso, a vida deles lhe pareceu triste. Em suas cidades não é possível conhecer as coisas do sonho, e os brancos têm o olhar fixo para aquilo que os cerca: as mercadorias, a televisão e o dinheiro.

Os brancos também são tão apaixonados por suas mercadorias que elas até ocupam seus sonhos. Por isso, eles sonham com carros, casas, dinheiro e outros bens, sejam aqueles que já possuem, sejam aqueles que desejam possuir. É por essa razão, explica Kopenawa, que os brancos não conseguem

sonhar tão longe: “Os brancos, quando dormem, só devem ver suas esposas, seus filhos e suas mercadorias” (p. 462).

Dessa forma, Kopenawa explica que os brancos só fixam seus olhos sobre seus papéis, e por isso eles apenas estudam seu pensamento e só conhecem o que está dentro deles. É por essa razão também que ignoram os pensamentos distantes de outras gentes e lugares. Já as palavras dos *xapiri pë* são diferentes: elas vêm de longe e falam de coisas desconhecidas para as pessoas comuns. Com a *yãkoana*, os xamãs conseguem contemplar a imagem dos seres no tempo do sonho.

Kopenawa explica que, quando os xamãs tomam *yãkoana* durante o dia e à noite dormem em estado de espectro, os *xapiri pë* começam a descer em sua direção. “Não é preciso beber *yãkoana* de novo”, esclarece. Na escuridão surgem os caminhos luminosos dos espíritos, cintilantes como o brilho da lua. O corpo continua deitado na rede, mas a imagem e o sopro de vida vão junto com os *xapiri pë* e sobrevoam a floresta para bem longe. “O dia dos espíritos é a nossa noite”, lembra Kopenawa, e é por essa razão que eles podem apossar-se dos xamãs durante o sono. “*É este nosso modo de estudar*” (p. 462).

Omama, que era um verdadeiro sonhador, foi quem criou Mari hi, a árvore dos sonhos, que ao florescer envia os sonhos para os Yanomami: “Foi assim que ele o pôs [o sonho] em nós, permitindo que nossa imagem se deslocasse enquanto dormimos” (p. 463).

Kopenawa conta que as pessoas comuns sonham apenas com coisas próximas: caçadas, pescarias, mulheres que desejam, parentes de outras comunidades, ou com os mortos. Embora a imagem delas saia de seus corpos como a dos xamãs, nunca consegue afastar-se muito. “Entre eles, apenas os bons caçadores podem sonhar um pouco mais longe” (p. 462). Em relação aos sonhos dos xamãs, Kopenawa diz: “Se os *xapiri* não tivessem o olhar fixado em nós, não poderíamos sonhar tão longe. Apenas dormiríamos como lâminas de machado no chão da casa” (p. 463).

Sobre seus sonhos, Kopenawa conta que, enquanto os *xapiri pë* se apoderam de sua imagem, ele pode contemplar na noite as coisas que seus antepassados conheceram antes dele. Assim, é no sonho que ele pode ver Omama furando a terra com sua barra de ferro para fazer surgirem os rios e todos os animais das águas. Também vê os antepassados acenderem grandes fogueiras para se esconder atrás da fumaça e poder copular, na época em que a noite ainda não existia.

Quando os Yanomami querem conhecer as coisas, eles se esforçam para vê-las em sonho. Kopenawa diz: “Esse é o modo nosso de ganhar conhecimento. Foi, portanto, seguindo esse costume que também eu aprendi a ver” (p. 465). Por essa razão, os habitantes da floresta nunca se esquecem dos lugares

distantes que visitam em sonho, e são as coisas que Kopenawa conhece em seus sonhos que ele tenta explicar para os brancos a fim de defender a floresta.

Depois de ver seu povo morrer por causa das epidemias trazidas pelos brancos com a construção da estrada Perimetral Norte, que atravessou a floresta, e mais tarde os milhares de garimpeiros que reviraram o chão da floresta e destruíram os rios em busca de ouro, Kopenawa entendeu que não adiantava defender apenas a sua casa: era preciso falar para defender toda a floresta, inclusive a terra dos brancos.

Muitos xamãs morreram devido às ofensivas dos brancos. Se os xamãs que restaram também morressem, Kopenawa pensava, o céu, que eles seguram sobre nossa cabeça, desabaria. É por essa razão que ele fala aos brancos, para que estes possam sonhar eles mesmos com essas coisas e perceber que, se os xamãs não forem ouvidos na floresta, os Yanomami não serão os únicos a morrer. É com esse intuito que Kopenawa entrega suas palavras aos brancos, para que eles possam compreender que precisam sonhar mais longe e prestar atenção nas vozes dos espíritos da floresta.

Por meio do relato de Davi Kopenawa em *A queda do céu*, que tentei resumir, é possível perceber a importância do sonho no pensamento yanomami. As referências aos sonhos e às reflexões oníricas são tantas que se poderia dizer que o livro é uma sorte de livro dos sonhos yanomami, mas não do tipo de livro de significado dos sonhos que se encontra em bancas de jornal.

Me refiro ao *Livro dos sonhos* de Jorge Luis Borges (1976), que, embora não trate dos sonhos do autor, ainda que eles apareçam aqui e acolá, é uma compilação de uma história geral dos sonhos, “o mais antigo e não menos complexo dos gêneros literários” (p. 5). E assim Borges reúne um material heterogêneo – os sonhos proféticos das Escrituras, os sonhos alegóricos e satíricos da Idade Média, os sonhos de Carroll e Kafka, entre outros. Tudo é sonho, embora o autor faça questão de diferenciar os sonhos inventados pelo sono daqueles inventados pela vigília.

Já no livro dos sonhos de Kopenawa, as experiências descritas, ao mesmo tempo que são pessoais, evocam uma multiplicidade de vozes. Ora é o xamã quem fala, ora são os *xapiri pë*. Em outro momento, são os seres mitológicos: Omama, o demiurgo; Thuëyoma, a primeira mulher. Os espectros dos mortos, como sempre, também aparecem. Tudo que Kopenawa relata tem uma relação direta com o sonho, seja aquele experimentado durante a noite ou o decorrente das experiências xamânicas vividas durante o dia sob o efeito da *yãkoana* – e aqui essa distinção pouco importa.

Borges procura dar atenção especial a um tipo de sonho, o pesadelo, e ao medo que ele causa no sonhador. Kopenawa, que sonhava com imagens de seres desconhecidos que o visitavam ainda na infância, começa a sonhar com

os esplêndidos espíritos *xapiri pë*, que passa a reconhecer após sua iniciação xamânica. Quando conhece melhor o mundo dos brancos e se dá conta da destruição que atinge a floresta e seu povo, ele sonha com cenas apocalípticas, como o céu pegando fogo com labaredas enormes por causa da fumaça das fábricas na cidade. Sonha também com a guerra que os brancos fazem por causa do petróleo e com as bombas que jogam por toda parte, incendiando a terra e o céu. Kopenawa não deixa dúvida: o pesadelo dos Yanomami somos nós, os *napë pë*.

É bom lembrar que *A queda do céu* é a compilação de um material que surgiu de conversas, relatos gravados ao longo de 10 anos por Bruce Albert, o antropólogo que assina a coautoria do livro e que trabalha com os Yanomami desde a década de 1970. Entretanto, houve um evento fundador que selou o pacto político e literário do antropólogo com Kopenawa. O xamã lhe gravou uma mensagem relatando todas as violências pelas quais os Yanomami estavam passando por causa da cobiça dos garimpeiros, às quais acrescentava suas reflexões xamânicas, oriundas das sessões realizadas com seu sogro. Ao final, ele pede a Albert que divulgue suas palavras e consiga apoio para implementar com urgência um plano de saúde para atender os Yanomami.

Quem sugeriu a Kopenawa gravar essa mensagem foi a antropóloga Alcida Ramos. Na ocasião, o xamã estava na casa dela, em Brasília, e acabava de assistir pela tevê a uma reportagem que mostrava o avanço do garimpo pela floresta yanomami. Foi quando ele se deu conta de toda a destruição que devastava o centro histórico do território yanomami. Atordado, Kopenawa diz em um tom grave: “Os brancos não sabem sonhar, é por isso que destroem a floresta desse jeito” (Kopenawa & Albert, 2015, p. 531). Alcida Ramos ouviu essa afirmação enigmática e lhe sugeriu que gravasse suas reflexões sobre aquilo que acabara de ver.

Essa reflexão perpassa todo o seu relato. E o que se torna claro ao longo da narrativa é o apelo que ele faz aos *napë pë*: eles precisam aprender a sonhar para que possam conhecer as coisas da floresta. É isso que ele espera ao entregar suas palavras aos brancos. Nesse sentido, *A queda do céu* é um livro que não apenas deve ser lido, mas precisa, sobretudo, ser sonhado. Só assim os brancos vão conseguir conhecer, por sua vez, as coisas de que Kopenawa fala.

No relato de Kopenawa, chama a atenção a maneira como ele encadeia sonhos com sessões xamânicas, narrativas históricas, mitos que viu em sonho ou ouviu de xamãs, lembranças de sua vida pessoal – enfim, tudo junto e misturado. Parece que não há ordem em suas falas – e ao mesmo tempo, quando passa do relato de uma prática xamânica para um mito, ou de uma lembrança de sua infância para um sonho, essa passagem é sempre harmônica, como se não houvesse cortes nem interrupções abruptas. Tudo parece concatenado e

bem encaixado, tudo faz sentido. É uma narrativa bela não apenas por aquilo que nos oferece, mas também pelo modo como ela se deixa apreender.

Também foi assim que os Yanomami me contaram seus sonhos, sobretudo os xamãs. Quando me falavam de algum sonho, eles entremeavam seus relatos com eventos do passado, histórias das casas onde moraram, de parentes ausentes. Não que esses temas não aparecessem em seus sonhos, mas nessa maneira de narrar acontecimentos aparentemente díspares parecia haver um fundo comum, sobre o qual todas essas experiências poderiam ser postas lado a lado e compor juntas uma mesma narrativa.

Como Kopenawa diz, os *napë pë* não sabem sonhar, ou melhor, sonham apenas consigo mesmos, o que, em última análise, é equivalente no pensamento yanomami, pois o sonho que realmente importa é aquele motivado pelos outros – ou melhor, são os outros que motivam os sonhos yanomami. Quem sonha apenas consigo nunca sai de si; e, nesse caso, o mundo se torna pequeno demais. Por não sonharem longe, os *napë pë* ignoram os pensamentos de outros povos e lugares e, portanto, não concebem outra forma de pensar que possa ir além daquela que experimentam. É por essa mesma razão que eles não conseguem ver a imagem das coisas e tampouco sonhar a floresta.

Kopenawa deixa bastante claro em seus relatos que o sonho é a forma de aprender por excelência dos xamãs yanomami. É a sua escola. É a porta que os Yanomami abrem para a alteridade, o desconhecido, o distante. É através dessa abertura que eles conhecem o mundo ao redor, e dessa forma seu pensamento consegue se expandir. Enquanto os *napë pë* têm lápis e papel, os Yanomami têm seus sonhos, diz Kopenawa.

Pelos sonhos, os Yanomami conhecem lugares em que nunca estiveram. Antes de ir para outros países, Kopenawa diz que já os tinha visitado em sonhos. Antes da chegada dos povos de além-mar, os xamãs antigos já haviam sonhado com o mar. É pelo sonho que se conhece; e é por meio do *utupë* da pessoa que é possível vivenciar essas experiências.

Kopenawa não entende seus sonhos com cidades distantes, e os xamãs mais velhos lhe explicam: brancos vindos de terras distantes vão chamá-lo para perto deles. Ele sonha com os brancos porque os brancos devem estar pensando em Kopenawa. São os brancos que desejam Kopenawa, e é por isso que ele sonha com eles. Mais uma vez, percebe-se como os *outros* são bons para sonhar.

Ainda sobre seus sonhos em outros países, Kopenawa fala de um que ele teve em Nova York, quando viu o céu pegando fogo. Um sonho assustador, que ele não pôde contar para ninguém, pois estava longe dos seus. Não poder compartilhar um sonho talvez tenha sido tão terrível quanto vivenciá-lo, pois contar o sonho é um requisito importante, seja para entender seu sentido e poder assim evitá-lo, seja pelo fato tão importante de socializá-lo.

Tudo que existe possui um *utupë* – e, nos sonhos, são essas imagens que se veem. Logo, tudo pode ser sonhado. É por essa razão que Kopenawa pode dizer que as coisas que vê em seus sonhos existem, pois pode ver suas imagens. É daí que surge também sua estupefação ao não conseguir, a despeito de sua vontade, sonhar com Teosi. Como algo ou alguém pode existir se sua imagem não pode ser sonhada? Então ele conclui: Teosi não existe. Da mesma forma que são Tomé, os Yanomami só acreditam naquilo que veem em seus sonhos.

O sonho também tem uma dimensão política. É pelos sonhos que os *xapiri pë* podem intervir, seja para proteger os Yanomami dos apelos incessantes de seus parentes mortos, seja para defender a floresta da cobiça dos brancos. Enquanto esses últimos continuarem sonhando consigo mesmos, nunca serão capazes de compreender as palavras que vêm da floresta. Para os Yanomami, sonhar é um ato político:

Para nós, a política é outra coisa. São as palavras de Omama e dos *xapiri* que ele nos deixou. São as palavras que escutamos no tempo dos sonhos e que preferimos, pois são nossas mesmo. Os brancos não sonham tão longe como nós. Dormem muito, mas só sonham com eles mesmos. Seu pensamento permanece obstruído e eles dormem como antas e jabutis. Por isso não conseguem entender nossas palavras. (p. 390)

Nesse sentido, ouvir e levar a sério os ensinamentos que Kopenawa apresenta por meio dos seus sonhos, em *A queda do céu*, é mais do que fundamental nos dias de hoje: é urgente. Em um contexto de colapso ambiental, guerras genocidas e avanço de uma extrema direita no cenário global que não reconhece os direitos humanos a todos os humanos, como é possível pensar uma resposta que dê conta dessa realidade conflagrada, sem contudo se abster da responsabilidade que cabe a cada um?

Conhecer outros modos de existência que sonham o mundo a partir de outras perspectivas é uma chave, porém não abre todas as portas. É preciso ir mais adiante e dar um passo radical, um passo que coloque sob suspeita a nossa própria noção do que é humano, e a partir dessa tomada de consciência, se posicionar e agir em um mundo em plena deflagração.

La gesta de Kopenawa

Resumen: Este texto es una versión modificada del primer capítulo del libro *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami* [El deseo de los otros: una etnografía de los sueños yanomami], fruto de la tesis doctoral de la autora en antropología social. El objetivo era releer *La caída del cielo*, la autobiografía del chamán y líder yanomami Davi Kopenawa, a la luz de sus propios sueños, que

abarcen desde su infancia en la selva hasta su vida adulta, cuando Kopenawa viaja fuera de Brasil en busca de apoyo para la demarcación de la Tierra Indígena Yanomami, asolada por la minería ilegal. Al final, la autora señala la dimensión política del sueño entre los Yanomami y la urgencia de considerar otras formas de soñar el mundo para pensar nuestra propia noción de lo humano y, a partir de ahí, articular una acción posicionada ante una realidad deflagrada.

Palabras clave: Yanomami, sueños, política, humano, crisis

Kopenawa's gest

Abstract: This text is a modified version of the first chapter of the book *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami* [The desire of others: an ethnography of Yanomami dreams], the fruit of the author's doctoral thesis in social anthropology. The aim was to reread *The falling sky*, the autobiography of the Yanomami shaman and leader Davi Kopenawa, in the light of his own dreams, which range from his childhood in the forest to his adult life, when Kopenawa travels outside Brazil in search of support for the demarcation of the Yanomami Indigenous Land, which has been ravaged by illegal mining. In the end, the author points out the political dimension of the dream among the Yanomami and the urgency of considering other ways of dreaming about the world in order to think about our own notion of what is human, and from there to articulate a positioned action in response to an unfolding reality.

Keywords: Yanomami, dreams, politics, human, crisis

La geste de Kopenawa

Résumé : Ce texte est une version modifiée du premier chapitre du livre *O desejo dos outros : uma etnografia dos sonhos yanomami* [Le désir des autres : une ethnographie des rêves yanomami], fruit de la thèse de doctorat en anthropologie sociale de l'autrice. L'objectif était de relire *La chute du ciel*, l'autobiographie du chaman et leader yanomami Davi Kopenawa, à la lumière de ses propres rêves, qui vont de son enfance dans la forêt à sa vie d'adulte, lorsque Kopenawa voyage en dehors du Brésil à la recherche de soutien pour la démarcation de la Terre Indigène Yanomami, qui a été ravagée par l'exploitation minière illégale. Au final, l'autrice souligne la dimension politique du rêve chez les Yanomami et l'urgence d'envisager d'autres façons de rêver le monde pour réfléchir à notre propre notion de l'humain et, à partir de là, articuler une action positionnée face à une réalité déflagrée.

Mots-clés : Yanomami, rêves, politique, humain, crise

Referências

Borges, J. L. (1976). *Livro dos sonhos* (C. Fornari, Trad.). Círculo do Livro.

Kopenawa, D. & Albert, B. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Companhia das Letras.

Limulja, H. (2022). *O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami*. Ubu.

Recebido em 28/5/2025, aceito em 6/6/2025

Hanna Limulja
hlimulja@gmail.com

DOI: 10.69904/0486-641X.v59n2.18